

OS MOVIMENTOS NA MISSÃO DA IGREJA

Três discursos de João Paulo II,

Documentos 5 – Suplemento de *Litterae Communionis-CL*, n. 11, 1985, pp. 3-8

[Correção de erros de digitação na edição italiana de 1985]

Introdução

1. Falando aos participantes do Congresso “Os Movimentos na Igreja”, João Paulo II afirmou que eles “devem refletir em si o mistério daquele amor do qual a Igreja nasceu e nasce continuamente”, uma vez que “no seio da Igreja-Povo de Deus, exprimem aquele múltiplo movimento que é a resposta do homem à Revelação, ao Evangelho”. Em poucas frases, o Papa esboçou uma singular visão da Igreja como movimento, que nasce do eterno amor do Pai, através da missão do Filho e do Espírito, para inscrever-se “na história do homem e das comunidades humanas” (Castelgandolfo, 27 de setembro de 1981).

Do nexos Igreja-missão, o Santo Padre fez jorrar uma primeira e significativa luz sobre a natureza dos movimentos. Eles só fazem sentido no seio da missão da Igreja, aliás, nasceram para a missão da Igreja. Com efeito, surgiram, além do mais, em conexão com o Concílio Vaticano II, que repropôs com energia a natureza missionária da Igreja, convidando os cristãos a “derrubar as muralhas”. O dinamismo de crescimento da Igreja e, analogamente, dos movimentos deve propor uma mensagem até os confins do mundo e nunca um egotismo coletivo que se consome a si mesmo.

Desde então, o Pontífice debruçou-se várias vezes sobre o tema dos movimentos, aprofundando aquele significado primitivo. Seu último discurso ao Movimento de Schoenstatt, por ocasião do centésimo aniversário do nascimento de seu fundador, oferece-nos, com efeito, um segundo elemento significativo para melhor compreender a natureza dos movimentos, o conceito do carisma. “Chegastes aqui, vindos de muitos países, para agradecer a Deus pelo dom que vos deu na pessoa do padre Kentenich. Com a viva recordação da sua figura e da sua mensagem, quisestes renovar o vosso espírito, para continuar o seu legado espiritual e para difundi-lo, para vos tornardes cada vez mais uma família espiritual que vive por força do *carisma da sua fundação* e com isso realiza a sua vocação ao serviço da Igreja e do mundo” (20 de setembro de 1985, n. 2).

Alguns dias antes, ele frisara o mesmo tema falando aos sacerdotes de Comunhão e Libertação: “Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e isso vos levará a serdes, mais potentemente, servidores da única autoridade que é Cristo Senhor” (Aos participantes de um curso de Exercícios espirituais para sacerdotes promovido por Comunhão e Libertação, 12 de setembro de 1985, n. 3).

O carisma é, portanto, reconhecido e afirmado como caminho que leva a Cristo, ou melhor, como a atuação histórica concreta da pedagogia com que Deus, continuamente e de muitas maneiras, reaviva e conduz o corpo de Cristo que é a Igreja.

A categoria de carisma, utilizada nesta ótica para fixar a gênese dos movimentos, assume um importante caráter eclesiológico. O Espírito, que instrui e dirige a Igreja, a rejuvenesce e a renova com dons geradores e carismáticos enraizados no Evangelho, leva-a assim à união perfeita com seu esposo (cf. LG, 4). A renovada fidelidade do carisma de fundação dilatará a potência missionária existente no Movimento, tornando-o mais adequado a servir a Igreja e o mundo.

A Igreja, povo de Deus em caminho na história, encontra sempre novas realidades, condições humanas sempre diferentes, pelas quais deve afirmar o senhorio de Cristo de modo concreto, compreensível e convincente. Hoje em dia, evangelizar de forma missionária não significa apenas partir para continentes longínquos, mas também penetrar em ambientes de vida novos, que continuamente são criados pelas transformações da nossa sociedade, para mostrar que a afeição a

Cristo torna humana a vida do homem e lhe permite caminhar para a sua verdade. A grande novidade do Concílio foi ter sublinhado como esta tarefa é típica de todos os fiéis e, portanto, também dos leigos.

Parece-me que estes dois fatores – missão da Igreja, carisma de fundação – representam o desafio que o Papa e a Igreja trazem aos movimentos neste despontar do segundo milênio. É o desafio da catolicidade.

Nela, com efeito, os movimentos estão destinados a crescer segundo a medida da vontade de Deus, ou a reduzir-se até desaparecer. Catolicidade significa, segundo as múltiplas indicações do Santo Padre, capacidade de viver o carisma em relação à totalidade das implicações do mistério de Cristo que a Igreja repropõe incansavelmente, sem parcializá-lo cortando-lhe algum aspecto. Mas a catolicidade indica também a energia com que testemunhar, na mudança da própria existência, o caráter decisivo para o homem de hoje do “fenômeno” Jesus Cristo.

2. “Nós acreditamos em Cristo, morto e ressuscitado, em Cristo presente aqui e agora, o único que pode mudar e muda, transfigurando-os, o homem e o mundo” (Discurso no trigésimo aniversário de CL, 29 de setembro de 1984, n. 3). O anseio do homem para a mudança, que se revela de múltiplas maneiras em todo o mundo de hoje, apoia-se, portanto, para os cristãos, nesta firme convicção que é princípio de cultura autêntica. A modalidade com que os movimentos foram chamados pelo Santo Padre a viver a missão da Igreja assumiu a forma de um convite reiterado a construir a civilização da verdade e do amor.

Por isso o Pontífice não se cansa de falar de evangelização da cultura e não receia interpelar os movimentos para que façam surgir, da cultura gerada pela fé, “formas de vida nova” (Discurso no Meeting de Rimini, 29 de agosto de 1982). Isto exige um método de educação de personalidades maduras, que, sem renunciar à singularidade do carisma, seja fiel aos quatro pilares em que o Concílio identifica a plena participação na Igreja: fé, sacramentos, comunhão e “governo eclesial” (cf. LG, 14).

Parece-me que o problema pastoral da integração da ação dos movimentos na atividade ordinária da Igreja pode ser iluminado pela urgência da “evangelização” da cultura, além da necessidade de uma eficácia renovada que oriente a Igreja na vida da sociedade (cf. Discurso ao Congresso da Igreja Italiana em Loreto, n. 7). A resposta a semelhantes problemas, de fato, não surgirá, antes de tudo, de uma multiplicação de estudos teológicos ou de projetos pastorais. É antes necessário olhar para o Espírito, para ver o que Ele suscita na vida da Igreja, para ver onde é que a correta relação missionária entre Igreja e mundo se manifesta concretamente e começa a dar fruto. A resposta para este problema crucial de hoje não é um projeto humano, mas uma iniciativa do Espírito. Não é exagerado reconhecer, com humildade, que os movimentos são o emergir deste caminho.

Tal como os movimentos devem viver a necessária mortificação com vista à unidade, assim um verdadeiro projeto pastoral, para ser verdadeiramente “espiritual”, deve favorecer e valorizar estas presenças.

3. “O aparecimento do corpo eclesial como Instituição, sua força persuasiva e sua energia agregativa têm sua raiz no dinamismo da Graça sacramental. Esta encontra, porém, sua forma expressiva, sua modalidade operativa, sua incidência histórica concreta através dos diferentes carismas que caracterizam um temperamento e uma história pessoal” (Aos participantes de um curso de Exercícios Espirituais para sacerdotes promovido por CL, n. 2). É uma exigência irrenunciável da encarnação este contínuo intercâmbio entre instituição e carisma. De forma alguma podemos pensar nesta relação entre graça e liberdade em termos de alternativa dialética, quase como se a instituição não fosse carisma e o carisma não precisasse da instituição. Eles são, afinal de

contas, a *única* realidade da Igreja. Poderíamos por acaso pensar no organismo humano sem o esqueleto que o sustenta? Da mesma maneira, não se pode pensar que a Igreja viva sem instituição.

A grande intuição de Agostinho contra os Donatistas, que considera a instituição como a expressão da *santidade objetiva* da Igreja, assinala o caminho do seguimento imprescindível que o carisma deve à instituição. Também nisto se pode ver um convite do Pontífice, dirigido às jovens realidades dos movimentos, para inventarem formas mais autênticas de relação com a vida ordinária da Igreja. Por outro lado, a Igreja é lugar eminente de liberdade, da liberdade dos filhos de Deus.

Os movimentos são então chamados a duas dimensões fundamentais que certificam, em certo sentido, sua autenticidade. A primeira delas é a referência filial aos Bispos e ao Papa. A hierarquia não tem o monopólio dos carismas, mas possui o carisma do discernimento e da ordenação de todos os carismas para o bem comum da Igreja. Em segundo lugar, o verdadeiro carisma deve incitar a uma abertura fraterna em relação a todas as outras experiências, que de diferentes maneiras conduzem à única verdade sobre Deus e sobre o homem revelada em Cristo.

Nesta ótica, o Papa compreende muito bem que os movimentos não são “associações de leigos”. A presença dos sacerdotes nos movimentos, então, não é de forma nenhuma acessória, não é um serviço fornecido “de fora”. Pelo contrário, ela é uma resposta a um apelo pessoal, que também constitui, de algum modo, a vocação concreta do indivíduo. Por isso, a adesão a um movimento, longe de entrar em contradição com a vocação sacerdotal, é para esta uma ajuda para melhor compreender e viver a própria pertença eclesial (cf. Aos participantes de um curso de Exercícios..., op. cit., n. 3).

4. Parece-me que as palavras do Santo Padre são um grande dom feito aos movimentos e também um convite a um aprofundamento posterior, teológico e prático, da sua vocação e da sua função específica na Igreja. “Estes são o sinal da liberdade de formas, em que se realiza a única Igreja, e representam uma novidade segura que espera ainda ser adequadamente compreendida em toda a sua eficácia positiva para o Reino de Deus na atualidade da história” (Discurso no trigésimo aniversário de CL, 29 de setembro de 1984, n. 3).

É justo responder a esse convite com um esforço sincero de construir, na direção que o Santo Padre indicou. Por isso Comunhão e Libertação, que aguarda com esperança os resultados do iminente Sínodo Extraordinário sobre o Concílio, está empenhado em contribuir para o Sínodo de 1987, sobre a missão eclesial dos leigos.

Luigi Giussani